

ULISSES DE OLIVEIRA MARTINS

2016.1

**CONVERSÃO MORAL: A RELAÇÃO
ENTRE JUVENTUDE, ESPORTE E
CIDADANIA NA CIDADE DE DEUS**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE CAMPOS

ULISSES DE OLIVEIRA MARTINS

**CONVERSÃO MORAL: A RELAÇÃO ENTRE JUVENTUDE, ESPORTE E
CIDADANIA NA CIDADE DE DEUS**

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E
DESENVOLVIMENTO REGIONAL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE CAMPOS

ULISSES DE OLIVEIRA MARTINS

**CONVERSÃO MORAL: A RELAÇÃO ENTRE JUVENTUDE, ESPORTE E
CIDADANIA NA CIDADE DE DEUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal Fluminense como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Glauca Pontes Mouzinho

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2016

ULISSES DE OLIVEIRA MARTINS

CONVERSÃO MORAL: A RELAÇÃO ENTRE JUVENTUDE, ESPORTE E CIDADANIA NA CIDADE DE DEUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharelado em Ciências Sociais.

Aprovada em Agosto de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Gláucia Pontes Mouzinho - Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Prof^ª. Dr^ª. Jussara Freire
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Diogo Cruz Ferreira
Universidade Estadual Norte Fluminense

CAMPOS DOS GOYTACAZES
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a minha orientadora Glaucia Mouzinho por ter paciência, pelos puxões de orelha, pela árdua tarefa de orientar um jovem desorientado.

É difícil uma tarefa tão ingrata quanto é agradecer as pessoas que contribuíram para a consumação desse momento, sobretudo sem cometer injustiças. Então começarei agradecendo a Cidade de Campos dos Goytacazes, por acolher diferente de muitos outros colegas e isso me possibilitou dar passos maiores.

Agradeço a minha família, me apoiaram de inúmeras formas, a minha mãe Marlene e a vários familiares como Alipio, Ana Paula, Gabriel, Julia, Ruth, Lia, Janaina, Alessandra, Pedro, Hebert, João Henrique, Junior, Anderson, Priscila, Súria e Kátia.

Há pessoas que me apoiaram em momentos difíceis e contribuíram muito para que eu chegasse aqui, o que significa que são especiais: Mestre Derli, Marcio Januario, Alex Bonifacio, Jussara Freire, Alessandra, Mariana Salvador, Magno Melgaço e Amanda, Bruno, Elias, Glauber, PH, Miguel, Guilherme, Ariane Costa, Yan Belmont, Lucas Loureiro, Vinicius Lima, Raissa, Romulo, Ana, Mirila, Nayara, Sheilayne, Tamara, Dani, Luis Felipe, Witalo, Lorryne, Daniel, Papel, Victor Leandro, Cleber, Hernan, Caroline Oliveira, Leonardo e Danrlei.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO EM VERNÁCULO..... | 6 |
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 O começo de uma etnografia jovens de uma ONG na CDD | 11 |
| 1.1 Como e onde começa essa etnografia..... | 11 |
| 1.2. Da aprendizagem à dificuldade de desnaturalizar o familiar..... | 14 |
| 1.3 Projetos sociais esportivos no Brasil..... | 16 |
| 2 A Cidade de Deus e sua importância para compreensão dessa etnografia..... | 17 |
| 2.1 Situando a Cidade de Deus: conjunto habitacional, comunidade e favela..... | 17 |
| 2.2 A cidade de Deus entre o filme, livros e mídia | 20 |
| 3 O CEACC, a ‘disciplina’, o ‘Respeito’ e o ‘Caminho da Cidadania’..... | 25 |
| 3.1 ACTIONAID/CEACC..... | 29 |
| 3.2 O Jovem e o Educador | 31 |
| 3.3 A diferença entre a ‘RUA’ e o CEACC..... | 33 |
| 3.4 A disciplina, o respeito e o ‘caminho da cidadania’ | 39 |
| 3.5 Cidadania e seus significados no CEACC | 42 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 46 |
| 5 REFERÊNCIAS..... | 48 |
| APÊNDICE..... | 51 |

RESUMO

Essa etnografia busca mostrar como se dá o processo de conversão/transformação de jovens de uma ONG na Cidade de Deus. O discurso da ONG impõe aos jovens através de normas do esporte impondo conceitos de ‘disciplina’, ‘respeito’ como caminhos para que esses alcancem ‘cidadania’ que é aplicada através do esporte.

Palavras chave: Juventude, antropologia do esporte, conversão moral, ONG

INTRODUÇÃO

Esta monografia diz respeito à trajetória de jovens integrantes de uma ONG, Centro de Estudos e Ações Culturais e de Cidadania (CEACC). Meu propósito é identificar através da observação desses jovens o que caracteriza ou não mudanças significativas durante a trajetória deles na ONG, a partir das categorias “disciplina” e “respeito” utilizadas para classificá-los, a partir da aceitação ou não de “valores” defendidos e apresentados pelos educadores. Esses valores também irão dialogar com laços familiares, sua religiosidade, região da favela onde eles moram e os seus diferentes significados.

Uma das questões mais importantes é que estou falando sobre mim mesmo, não estou falando só sobre jovens de uma ONG, mas sobre minha vivência naquele lugar. Portanto, parte da metodologia adotada é a observação participante, a partir da vivência com professores e colegas e, principalmente, como um jovem da Cidade de Deus, onde se localiza o CEACC. Também é importante ressaltar que estou falando sobre atores que tenho proximidade, como os dois educadores da atividade de capoeira, por exemplo. Então é um exercício de difícil desnaturalização, porque é necessário identificar, descrever e analisar questões que dizem respeito a pessoas tão próximas que já não são só mestres, mas amigos.

Além do mais, como já mencionei, a ONG fica no mesmo bairro e perto de onde eu moro e muitos jovens deste bairro, meus amigos e vizinhos, eram do CEACC dificultando, por vezes, minha percepção em decorrência desta proximidade. Entretanto, o fato de ser próximo também me ofereceu uma vantagem, visto que poderia observá-los em um espaço diverso do CEACC,

nos quais se sentiam “em casa” o que permitia que se comportassem contrariando o que é recomendado pelos educadores.

Minha trajetória na ONG tem início aos onze anos, numa faixa etária (9 aos 13 anos), comum aos jovens meus colegas. Eu era obeso, sedentário e privado do convívio social rotineiro pela vizinhança. Por outro lado, a Cidade de Deus era concebida pelos meus pais como um lugar de “má influência”, porque na visão deles a circulação nos espaços públicos, a rede de amizades possíveis eram em grande parte marcadas pela presença de traficantes de drogas ou a eles relacionadas. Havia também outros riscos, como balas perdidas depois de tiroteios entre traficantes ou entre eles e a polícia.

Durante um período passamos por dificuldades financeiras e na impossibilidade de custear atividades fora da Cidade de Deus meu pai resolveu me levar para uma aula de capoeira numa ONG recém criada. Mesmo tímido percebi que havia um grupo de crianças que estudavam na mesma escola que eu, alguns até da mesma sala, facilitando minha aproximação com o grupo. Meus pais e até mesmo eu, acreditávamos que o melhor seria praticar alguma atividade fora da Cidade de Deus, mas foi uma grata e acolhedora surpresa estar na mesma turma de colegas que estudavam comigo na mesma escola.

No início só pensava na vergonha e na falta de capacidade de executar vários dos exercícios, mas depois me dei conta das amizades que poderia fazer, muitas delas que mantenho até hoje. Foi importante da mesma forma, as batalhas pessoais travadas contra meus próprios limites naquele período, as histórias e risadas, constituídas por relações de afeto fundamentais na minha vida.

Na ONG minha relação era mais direta com o Mestre Derli, que foi quem me ensinou capoeira, mas tenho lembranças de outros naquele início, de conversar com André, Claudia, Zenilda, Avelina entre outros que

compunham a gestão mais antiga, de quando conheci o Centro de Estudos e Ações Culturais e de Cidadania (CEACC). O motivo de estar naquela ONG foi o fascínio de aprender capoeira. Nunca havia visto ninguém como o Mestre Derli, apenas em filmes, mas ele fazia tudo diante de nós, o que me ajudou a lidar com enfrentamentos diários como os insultos que sofria em decorrência do meu peso e por não poder ser amigo de todo mundo em detrimento ao limite dado pelos meus pais por medo dos perigos que a favela poderia trazer. Graças ao mestre, pude fazê-lo sem brigas ou confrontos sérios.

O tempo foi passando... como nossas atividades em alguns momentos eram integradas, permitiram que eu conhecesse jovens que não os da capoeira. Embora não fosse infreqüente rixas entre os jovens, por outro lado havia a preocupação entre os educadores para que todos sempre mantivessem uma relação harmônica, sem brigas (ao menos visíveis), sem conflitos físicos e sem diálogos ofensivos ao próximo, como por exemplo, o uso de palavrões, sobretudo nas aparições públicas fora da Cidade de Deus. Seguir esta regra era uma das exigências para ser classificado como tendo um “bom comportamento” em oposição ao que identificavam como “favelados” como uma série de classificações sobre os moradores de favela, e imagem atribuída aos jovens da Cidade de Deus construirei dissertarei o surgimento desse processo no segundo capítulo.

Durante alguns anos continuei próximo a capoeira, logo próximo ao CEACC. Sabia que existia um confronto interno entre os membros da direção em relação aos direcionamentos do CEACC, por exemplo, mas que ainda assim havia um ideal comum, ou seja, a mudança nos comportamentos e a adoção de novos valores preconizados pela ONG. O que me apegava ali é ver aquela criançada praticando capoeira, futebol, dança afro etc. Era perceber como vários colegas da minha turma quando comecei capoeira trilharam caminhos diferentes que me pareciam contrastar com o que ensinavam nossos professores, com histórias de vida

que me chamaram a atenção. A ONG faria 10 anos de existência, se tornando um marco no tempo de atuação e na intensidade em que agia, umas das mais conhecidas instituições locais. Os objetivos iniciais, portanto, continuavam presentes e perceptíveis.

Assim comecei como criança, brincando de capoeira, exposto às gozações, me tornei um modelo para os mais novos naquele esporte e vi jovens que começaram a ser vistos como exemplo nas suas atividades. Aos poucos comecei a ter outro papel que não somente de aluno. Participava ativamente na organização de algumas atividades do CEACC (como festas e reuniões), e comecei a ouvir os dilemas que os educadores enfrentavam e como tentavam lidar com eles. Me foi concedida a oportunidade de representar o CEACC como membro e não aluno de atividades ministradas pela *ActionAid* (instituição apoiadora dos recursos da ONG) na formação dos educadores do CEACC, o que me fez conhecer algumas diretrizes ligadas à educação, combate à pobreza e à fome extrema, mas sobretudo pude observar alguns procedimentos internos e uma maior riqueza de detalhes empíricos.

Todos os jovens que entram no CEACC tem famílias e questões diferentes particulares. Alguns continuam na ONG e se tornam jovens exemplares, outros não persistem e ficam pouco tempo saindo depois porque são vistos como jovens que “trazem problemas”. Assim são, portanto, referidos: “Fulano é um problema”; “Fulano traz sempre problema”. Para melhor compreensão do que isso implica na classificação dos meus interlocutores, vou mostrar através dessa etnografia quem são os “jovens exemplares”, aqueles que cumprem fielmente o que os professores esperam. Entre uma e outra, há variações como, por exemplo, “muito bom garoto, mas problemático”. Estas classificações são importantes para identificar as mudanças nos valores adotados pelos jovens alunos e se eles serão resultado de uma adesão ao que foi proposto pelo CEACC. Como se

dá a adesão, quais os processos no dia-a-dia que contribuem e questões externas e internas a ONG.

1 . O começo de uma etnografia jovens de uma ONG na CDD

1.1 Como e onde começa essa etnografia

Em 2011, fui cursar Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense, no que hoje é o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, à época Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes (RJ).

Durante a apresentação de um trabalho de doutorado do sociólogo Cesar Pinheiro cujo tema era a mudança de ex-bandidos que se convertiam as religiões pentecostais, conheci a professora Jussara Freire que me propôs pensar sobre temas do meu interesse relacionados a palestra. Logo me veio à cabeça minha passagem pelo CEACC, minha experiência de mudança desde que havia começado a praticar capoeira em 2002, como não me tornei bandido como muitos colegas da Cidade de Deus e associei fazer essa escolha devido a minha vivência dentro da capoeira. Era como se fosse uma “salvação”, do tédio, da vontade de aprender coisas diferentes, da rua que amedrontava a todos naquele período violento, mas também uma forma de ver o mundo de outra maneira, como alguém fascinado pela cultura da capoeira e das tradições dessa cultura trazida pelos africanos.

Entretanto, minha escolha por Campos foi motivada por um sonho de alguns anos atrás em almejar me tornar diplomata iniciando antes o curso de ciências sociais. Havia uma questão que me incomodava: o preconceito. Como alguém vê o outro e o identifica como “favelado” ou não, fazendo uso desta classificação para também considerá-lo um provável bandido,

traficante etc, somente pela sua aparência ou comportamento, muitas vezes sem mesmo ouvir sua voz. Como um conjunto de fatores nos faz julgar o outro e dizer se aquela é ou não uma “boa pessoa”, possivelmente um criminoso ou um *sujeito criminal* (MISSE, 1999).¹

Sempre acompanhei de perto pessoas próximas sofrerem preconceito, inclusive, acabei sofrendo algumas vezes também. A minha resposta, eu comecei a perceber, poderia estar na compreensão de quem são esses jovens do CEACC, demonstrando que não sou uma exceção já que tenho vários colegas que tiveram trajetórias semelhantes e elogiados assim como eu fui, por entrar numa instituição pública ensino superior. Iniciando o campo no CEACC, ainda calouro de Ciências Sociais, achei que seria mais fácil, tendo sido eu mesmo um deles tratar do tema. Simplesmente me convenci de que ali era um lugar familiar e seria tudo tranqüilo.

Inicialmente tive que pedir uma autorização formal a Avelina que era gestora do CEACC para observar as atividades. Com essa simples ação já senti a diferença, pois parei para pensar o que era pedir autorização para observar um lugar que estive por muitos anos e já conhecia muito bem. Outra questão foi a reação de cada educador a minha estada ali. Antes de começar as observações fui a ONG, foi quando os educadores logo expuseram aos jovens a pesquisa e a partir daí começaram a agir diferente. Parecia que minha presença ali era como se fosse um minucioso teste, à semelhança do que fazíamos (quando era aluno) nos momentos em que algum grupo de financiadores aparecesse para acompanhar as atividades, o que provocava mudanças na forma como nos comportávamos, em virtude da ansiedade que a presença, vista como uma avaliação, provocava em todos, principalmente em nós.

¹Para Misse sujeição criminal é a demarcação apoiando-se na *expectativa de um certo tipo de experiência social esperada dos agentes acusáveis, de sua subjetividade e posição social*, como é defendido pelo próprio, logo há julgamento como incriminável dos que se enquadram nesse perfil.

A partir do momento em que me propus a entrar naquele campo formalmente, expor isso é como se eu tivesse começado a observar uma série de coisas que nunca havia olhado antes. O espaço da ONG por exemplo: há um balcão de recepção no qual a secretária Valdileia não conseguia muitas vezes ver quem entrava, mas pelo tempo de trabalho naquele lugar ouvia qualquer passo um pouco mais brusco e logo levantava atendendo quem chegava ou repreendendo um aluno que saia da sala sem autorização. Outro exemplo é a sala de treinamento que ficava ao lado da cozinha e onde os jovens transitavam bastante pra beber água, as vezes confidenciar sobre algumas coisa já que dificultava a visibilidade do professor, também era usada a escada para o primeiro andar onde você encontrava jovens sentados, com as portas das salas entreabertas com jovens conversando, enquanto outras estavam tendo aulas. Tinham dias que era grande a efervescência daquele lugar, dificultando até o trabalho dos educadores, e contendo muita vida e circulação o tempo todo.

Foi então que comecei a perceber também que por maior que tenha sido o conhecimento adquirido, aconteceu uma série de reflexões acerca de como eram esses jovens fora da ONG. Mas, as dúvidas sobre questões que só agora me dava conta acabaram por gerar outras e me vi imerso em uma enorme “confusão”. Comecei a perceber que não podia falar sobre qualquer assunto a qualquer hora com os educadores, muito menos com os jovens, o que me tornava alguém solitário em vários momentos.

Das várias vezes que presenciei atitudes e comportamentos dos jovens, minha estratégia para entender, era perguntar aos educadores o que eles achavam de forma hipotética sem citar nomes sobre determinada questão. Assim como quando tinha uma dúvida sobre o que algum jovem pensava ou como se via numa determinada situação precisava ter a sensibilidade de ir até ele no momento certo, ora deslocado do grupo, ora dentro de um grupo para obter respostas que muitas vezes acabavam sendo muito indiretas, dificultando minha pesquisa no campo. Também ouvi algumas críticas aos

educadores, de que eram “chatos”, das atividades que eram chatas e do que gostavam ou não. Muitas vezes tive dificuldade para dialogar sobre questões como essa, tendo em vista a percepção deles sobre mim. Sabiam que ao mesmo tempo em que não era um educador pela forma como interagia no campo, não era tão pouco reconhecido como um deles, pois a minha idade me diferenciava, além da forma como os educadores me tratavam em virtude do meu elo como ex-integrante da ONG e o significado expressado pelos educadores de como me tinham como “exemplo” para os demais jovens. Apesar das várias dificuldades em me aproximar e distanciar pela minha proximidade com os educadores, eles foram grandes interlocutores, os jovens mais antigos também eram receptivos. Porém, com esses últimos, em particular, às vezes tive alguma dificuldade de manter tanto contato, devido a sua presença em grupos que impedia tratar alguns assuntos com mais profundidade.

a. Da aprendizagem à dificuldade de desnaturalizar o familiar

A minha convivência rotineira no trabalho de campo, as ponderações durante orientações e comentários de colegas me fizeram perceber o quão me sentia envolvido nesse campo. O envolvimento que me impedia desnaturalizar o que enxergava como comum, de não problematizar. Com isso percebi que concordava com a forma que a ONG educava os jovens, quando se fazia necessário o distanciamento para analisar criticamente. A insistência que me motivou a persistir nessa etnografia me faz perceber hoje, o quão fui cego a várias questões, que fui rever, ir ao campo outras vezes, ler etnografias, e perceber a importância fundamental da aproximação e distanciamento que Malinowski (1961) tanto insistia.

O ambiente era familiar, simbolizava minha adolescência, as pessoas me remetiam a memórias, mas quando comecei perceber a importância do estranhamento (Velho, 2006), o exercício começou a ser desenvolvido com o propósito de perceber aquele campo de diferentes formas. Não se tratava de uma coleta de dados de algo que conhecia, mas de um processo no qual eu pudesse apresentar um texto em que esse duplo - da proximidade e do afastamento-se apresentasse e do qual eu era parte.

Precisei aprender como era desbravar muito do novo no que já era conhecido, e mesmo assim não havia desnaturalizado. Muito do que já concebia ser de uma maneira, sem estranhamento de muitas das questões, algumas das quais procurarei explicitar aqui.

No início do trabalho de campo pouco muitas coisas não me chamavam a atenção devido a minha proximidade. Em alguns outros momentos eu me sentia numa espécie de ilha, onde percebi que embora me achasse um igual a eles, os pequenos rituais do dia-a-dia contrastavam com o que eu tive acesso inicialmente, no que considerei até aquele momento uma observação participante: os momentos coletivos e individuais daqueles jovens, as tensões, felicitações durante as atividades, os gestos, as risadas, as brigas, alguns sussurros, algumas piadas, brincadeiras me transmitiam outras coisas fundamentais para entender o campo e que não eram limitadas a uma coleta de dados, por exemplo, sobre os objetivos da ONG ou o que achavam das lições de capoeira e cidadania. Os gestos que observava, as piadas, tensões e brincadeiras poderiam carregar múltiplos significados (Geertz, 1989).

Além da observação participante, mencionada anteriormente, também utilizei como metodologia uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de levantar, analisar e sistematizar a produção científica referente a temas que pudessem me ajudar nessa discussão: juventude, antropologia do esporte, pobreza, violência urbana, cidadania, projetos esportivos,

projetos sociais, associativismo e filantropia buscando apreender as interconexões entre eles.

Entrevistei atores que participem ou não ONG por se conectarem a discussão direta ou indiretamente, utilizei um roteiro de entrevistas semi-estruturado com algumas perguntas que deram possibilidade de diálogos mais longos, dos quais julgo ter sido crucial para o desenvolvimento desse trabalho.

b. Projetos sociais esportivos no Brasil

Os projetos sociais esportivos no Brasil começaram a crescer e se multiplicar na década de 1980 (Zaluar, 1994) como justificativa para atuar em oposição ao insucesso das instituições educacionais formais daquele período. A atuação desses projetos buscava “jovens em situação de risco” para justificar ações que permitissem “tirar o jovem da rua” e desenvolver projetos sociais em periferias. É importante perceber que o discurso faz com que esses projetos sociais esportivos pareçam a mesma coisa, quando há diferenças significativas (GUEDES, 2006) como o território, os dilemas relacionados a dificuldades, as estratégias de execução e o que é exigido pelo patrocinador.

Os projetos sociais esportivos no Brasil atuam em geral através de ONG's, sabendo que essas podem ter diferentes seguimentos que alteram sua forma de ação (Landim, 2002), podendo obter recursos governamentais, privados nacionais, internacionais ou até mais de um desses. A compreensão desse mecanismo possibilita a compreensão do que orienta ação de cada instituição, por isso contribuirá para situar a instituição em que realizei essa etnografia.

2 - A Cidade de Deus e sua importância para compreensão dessa etnografia

2.1 Situando a Cidade de Deus: conjunto habitacional, comunidade e favela

A Cidade de Deus teve origem como *conjunto habitacional*, como um projeto de moradias populares para as camadas pobres, para aqueles que foram removidos dos antigos cortiços e favelas do Rio de Janeiro na década de 1960. Esse projeto foi implementado durante os governos de Carlos Lacerda e Negrão de Lima na década de 1960. A distribuição dos imóveis se deu na segunda metade da mesma década.

Aproximadamente em 1966 chegaram os primeiros moradores, cujo objetivo foi transferir uma população localizada em favelas da zona sul do Rio de Janeiro. Dentre elas estava a favela da Catacumba, localizada onde hoje é o bairro da Lagoa de onde veio minha avó e outros moradores. Foram num primeiro momento removidos para a região onde fica o Maracanã, e finalmente para a Cidade de Deus. Outras favelas também são citadas em textos sociológicos como parte do que seria a Cidade de Deus, tais como “Praia do Pinto (19,2%), Parque da Gávea (15,2%), Ilha das Dragas (14,5%), Parque do Leblon (7,3%), Catacumba (7,0%) e Rocinha (6,3%)” Ao final, foram transferidos moradores de 63 favelas diferentes, situadas em diferentes locais do Estado do Rio de Janeiro (Valladares, 1978). Esse período é reconhecido historicamente como período de remoções.

Inicialmente o “Conjunto Habitacional Cidade de Deus” abrigava mais de seis mil moradias populares e uma população heterogênea, característica que foi reforçada ao longo dos anos. Desse modo, a Cidade de Deus abrigou moradores deslocados de seus espaços anteriores, e já havia se consolidado um espaço de *sociabilidade* (SIMMEL, 2006), abrigando grupos com valores sociais diversos. Deste modo, em consequência das referidas políticas públicas de intervenção, os antigos moradores se viram separados de seus antigos vizinhos, amigos e parentes, passando a conviver com pessoas diferentes, com rotinas, hábitos e costumes diferentes (Valladares, 1978). Evidente que se configurou problemas e mais problemas de vizinhança.

Após a construção do conjunto habitacional Cidade de Deus outros moradores que não os inicialmente destinados ao conjunto foram residir por lá e muitos dos antigos moradores começavam a “passar suas casas adiante”, vendendo-as para novos moradores (Valladares, 1978), acrescentando ainda maior heterogeneidade ao território. “Passar a casa” esta interligado a diversos motivos como: dificuldade de custear o pagamento mensal do imóvel, os custos para sobrevivência mensal de alimentação e outros, as dificuldades com relação a saneamento básico, distância para os moradores desses conjuntos habitacionais chegar no seu trabalho, para mencionar alguns deles (Valladares, 1978). Havia também favorecimento para algumas pessoas na escolha das casas que tinham melhor estrutura seja pela sua posição social e/ou econômica ou pelas relações pessoais estabelecidas com algum político que acarretava em adquirir ‘favores’ que privilegiavam uns moradores mais que outros.

Também não era raro que parte dos moradores tivessem dificuldades em custear as despesas para viver na Cidade de Deus. O gasto médio para se viver por lá era alto e se fazia necessário que dois ou mais membros da família trabalhassem para manter as despesas mensais do lar (Valladares, 1978). Também as faltas de vários tipos de assistência como transporte,

acesso ao comércio, ao centro, dificuldade para chegar ao local de trabalho para os moradores, saneamento e água, afetavam diretamente a vida das pessoas que optavam por morar na Cidade de Deus (Zaluar, 2006).

Na década de 1980, a Cidade de Deus foi marcada pelos atos de violência, num contexto de crescente aumento da violência no Rio de Janeiro (Misse, 1999). Os jornais anunciavam vários confrontos entre grupos de traficantes armados nas favelas cariocas. A Cidade de Deus obteve destaque nesse contexto, e as percepções sobre o que inicialmente era “um conjunto de moradias para trabalhadores pobres” modificou-se. Os conjuntos habitacionais passaram a ser relacionados à imagem de um lugar violento e seus moradores sofrem as mesmas consequências das classificações atribuídas a outras favelas que já passavam pelo mesmo problema. No decorrer do tempo não desconstruiu a imagem, os moradores das favelas são considerados cúmplices dos marginais ou tão marginais quanto (Machado, 2008). Vale lembrar que as estatísticas criminais apresentadas pela mídia como evidência da criminalidade e violência (Zaluar, 2006) estimavam taxas de criminalidade e violência elevadas, reforçando esta nova classificação e suas consequências.

Apesar da imagem de lugar violento, a Cidade de Deus acaba reconhecida como bairro em virtude de sua crescente expansão. A região de Jacarepaguá (onde se situa a Cidade de Deus) é bem arborizada. Até a década de 1950 era zona rural e os seus moradores acabaram construindo casas e barracos onde puderam e de forma acelerada. Mas, é importante notar que seu crescimento é maior do que a capacidade do poder público de apreender todo seu território. A prefeitura, o IBGE e outros órgãos de pesquisa divergem das representações dos próprios moradores sobre as limitações do território, assim como nomes de regiões internas a Cidade de Deus, como ruas, praças e outras. O território então é maior que o Estado apreende, aumentando a dificuldade em gerenciá-lo.

2.2 A cidade de Deus entre o filme, livros e mídia

Aos poucos a Cidade de Deus se tornou objeto de etnografias, livros e debates. Um dos trabalhos pioneiros foi o da antropóloga Alba Zaluar, citado em alguns momentos desta monografia. “A máquina e a revolta” nome dado ao livro de Zaluar, traz relatos sobre as lógicas das formas de sobrevivência de uma região da Cidade de Deus, e acaba dialogando com vários atores, descrevendo tensões, problemas e dilemas vivenciados num período em que os jornais tratavam a Cidade de Deus como um dos lugares mais violentos do Rio de Janeiro. O livro “Cidade de Deus” do Paulo Lins que foi influenciado por Alba Zaluar, já relata uma história com mais fantasia, onde a descontração é tão evidente quanto a pobreza e a violência que por sua vez ficam mais evidentes.

O filme trouxe maior visibilidade para o lugar que a obra citada acima, mas a forma como as cenas fortes de terror, revolta e morte são apresentadas marcam mais a obra cinematográfica do que as cenas engraçadas, e acabaram reforçando uma imagem que nunca havia sido desconstruída sobre a Cidade de Deus, o lugar violento também atribuído às favelas cariocas.

A *favela* é um dos temas mais presentes atualmente nas pesquisas brasileiras no campo das ciências sociais (Valladares, 2005), seja direta ou indiretamente a partir de temas transversais a ela. Portanto, citá-la aqui como algo importante para pensarmos as trajetórias dos jovens da Cidade de Deus, implica em dialogar com parte da produção das Ciências Sociais, e com alguns pontos que aparecem como “pano de fundo” do que desejo apresentar neste texto.

Tal como mencionado por autores como Zaluar (1998) e Valadares (2005), a palavra *favela* já constava nos registros públicos do Rio de Janeiro na última década do século XIX, nos quais era referida a um conjunto de

barracos irregulares em situação insalubre e sem reconhecimento jurídico da propriedade.

Posteriormente, pela proximidade com os bairros da zona sul, as mesmas passam a ser percebidas pela classe média local como um problema social/higiênico/moral (Zaluar, 1999, Valladares, 2005), apresentadas como ‘lugar de desordem’, incluindo o julgamento sobre os moradores apresentados como responsáveis pela desordem. No livro “A invenção da favela”, a socióloga Licia Valladares explicita como se construiu o ‘mito’ da favela, ou as formas de representação de favela que consistem no imaginário das pessoas até os dias de hoje. As condições de ‘abandono’ da favela, deixando-as com problemas dos mais variados como esgoto, saneamento, esgoto, água, rotulando sua população que habitavam lá como marginais, vagabundos e pessoas sem civilidade trouxeram conseqüências, na maneira como a favela é vista hoje, como conseqüências estigmatizantes para seus moradores.

Atrelado a várias dificuldades dos favelados, havia e há um outro fator importante: os muitos moradores dos bairros próximos reclamam e não veem com bons olhos os *favelados*, como se eles tivessem qualidades morais ligadas ao lugar onde vivem, dando a elas um sentido negativo.

Os preconceitos e rotulações que já existiam desde a origem das *favelas* foram reforçados com vários estereótipos empregados aos favelados com o passar dos anos. Após a década de 70 nesses territórios, ainda que amplamente reconhecido pelo poder público, com a aplicação de políticas públicas de vários tipos nesses territórios, há também o aumento dos índices de criminalidade, assim como o aumento do tráfico de drogas. O reconhecimento disseminado de favela como lugar violento, se popularizou na década de 70, mas após a década de 1960 já era associado a um lugar

de *sociabilidade violenta*², por existir grupos de traficantes de drogas que exerciam sua dominação através da força e impondo regras próprias para os moradores que lá residiam (Misse, 1999, Valladares 2005, Machado, 2008, Zaluar, 1999). Também indo de encontro a dados posteriormente encontrados por pesquisadores ou indicados por gestores públicos que apresentava por vezes outros locais localizados em periferias como “mais violentos”, muito disso quando percebemos a construção de como é vista a favela como algo a parte do restante da cidade, quero reforçar que mesmo com suas especificidades, outros lugares também tinham problemas como os favelados. O aumento da violência, têm vários sentidos, mas chamo atenção para aquele destacado por Michel Misse: a construção social da violência ou o que se chama *acumulação social*³ (Misse, 1999) se dá a partir de uma série de tentativas de descriminalizar novas formas de se enquadrar a violência urbana que estão diretamente ligadas com a rotulação que cai sobre os moradores de *favela*

Nas representações mais conhecidas pelo senso comum na atualidade, favela e lugar violento passam a ser um sinônimos e em alguns casos, um exagero pelo grau de importância dada a essa relação, maior até que em outras periferias que não são reconhecidas como Favelas. Então, um dos reais problemas acerca da favela é a construção social sobre ela.

Entretanto, as várias representações dos moradores de *favela* sobre as *favelas*, dos atores que circulam pelas *favelas*, as rotulações feitas pelo poder público e os pesquisadores com suas intervenções influíram no reconhecimento da *favela* como lugar heterogêneo (Valladares, 2005), apesar das tentativas de homogeneização por vários atores sociais ligados

² Sociabilidade é um conceito usado por Luiz Antônio Machado da Silva para explicar o uso de força excessiva nas relações sociais, que também adquire um complexo de condutas e uma lógica simbólica e política atribuída a pela população urbana.

³ Acumulação social, Michel Misse descreve como várias construções que começam da década de 1950 até os dias de hoje, que constroem um sistema de criminalização, crime e incriminação ocorre antecedendo qualquer acusação.

direta ou indiretamente com as favelas. Quando há presente a concepção de que *favela* é um lugar violento, isso implica diretamente na forma como os *não favelados* vêem os *favelados*.

A violência, por sua vez, é um tema mais comum e têm um público específico. Mas contrariamente a tomar a Cidade de Deus sob uma única perspectiva, é possível identificar uma série de conflitos internos, nos quais moradores reivindicam falar como "realmente é a Cidade de Deus", cujas mensagens não são necessariamente inseridas na política formal, mas em músicas, divulgação de trabalhos de ONG's locais, dentre outros. Neste contexto, se opõem à grande parte da mídia que associam os eventos culturais ou festas à violência. As festas, na perspectiva dos moradores, promovem circulação interna de pessoas, traz pessoas de fora, reduz preconceitos e as aproximam do que é a Cidade de Deus.

O tráfico, os moradores e a política são atores mencionados em muitas discussões sobre favela e principalmente quando se fala em Cidade de Deus. Como mencionei antes após o filme de Paulo Lins, aumentou a estigmatização dos moradores daquele território.

Os três tipos de atores que citei acima podem evitar interação entre si, como mecanismo de defesa e/ou não ser associado ao tráfico ou a polícia. Os envolvidos com o tráfico têm forte apoio de parte da população e são vistos como os que fazem a vida cultural e social acontecer com mais vivacidade (sendo responsáveis por muitos eventos e festas); a polícia, por outro lado, é bem vista por um grupo muito grande na Cidade de Deus e há muitos que a defendem como "o que trouxe a paz pra esse lugar".

As opiniões são divididas pelos moradores. Há aqueles que vêem a "vida do crime", representada pela entrada para o tráfico de drogas, como um problema moral e jurídico. Há outros que criticam os policiais pela constante representação que tem dos moradores de lá, identificada pelo olhar, pela forma de se dirigir a quem está na rua de madrugada de

bandido ou pelos vários tipos de abusos a que os moradores estão sujeitos, com o uso de força excessiva fazendo com que muitos se sintam acuados

Há claras tensões entre a forma como o filme, a obra literária ou a etnografia , os meios de comunicação e os diferentes moradores apresentam a Cidade de Deus. Entretanto, a mídia e a exibição do filme tem maior alcance para além do território e dos moradores e acaba reforçando a imagem da Cidade de Deus como lugar violento e perigoso.

Quando proponho trazer a discussão os conflitos sobre a representação da Cidade de Deus como favela e como lugar violento, meu objetivo é demonstrar que há a possibilidade de pensar o lugar e as relações ali estabelecidas como algo dinâmico sobretudo a partir dos moradores da Cidade de Deus e dos participantes da dinâmica existente no CEACC, resultando na desconstrução de algumas rotulações e/ou na compreensão de como algumas lógicas que são reforçadas e reproduzidas. É importante frisar que uma das motivações dos atores sociais envolvidos nas atividades do CEACC é uma Cidade de Deus melhor, na perspectiva dessas pessoas que irei retratar nessa monografia. Logo, entender a dinâmica desse lugar é também compreender os motivos articuladores dos personagens envolvidos nessa etnografia.

3 O CEACC, a ‘disciplina’, o ‘Respeito’ e o ‘Caminho da Cidadania’

Em sua página oficial o Centro de Estudos e Ações Culturais e de Cidadania é definido como uma Ong sem fins lucrativos, cujas ações são voltadas para jovens da Cidade de Deus, " com o propósito de construir coletivamente alternativas que nos ajudem a viver com mais dignidade, propondo políticas públicas de inclusão social, racial, de gênero, digital e, de outro lado, incentivar a participação de crianças e adolescentes – com a possibilidade de protagonizar experiências de desenvolvimento da consciência crítica, da formação integral através do esporte e da cultura". (www.ceacc.org.br) Para isso oferecem" atividades esportivas e culturais, tais como: futebol, capoeira, karatê, dança-afro e orientação de estudos, atividades de intercâmbio com outras comunidades, passeios culturais, lazer, oficinas, encontros, fóruns, informação qualificada, que os estimulem a buscar o desenvolvimento sustentável do bairro.”.

Tem sua sede na avenida principal que corta a Cidade de Deus, sua página oficial ressalta a importância de trabalhar a “cidadania” através do esporte e cultura: *“Vamos construir uma juntos, um futuro de cidadania para todos”* (www.ceacc.org.br/site/institucional)

O espaço físico da ONG é um prédio de dois andares. No primeiro andar encontra-se um salão onde funcionam as atividades de capoeira e karatê, sendo um dos espaços mais utilizados da ONG. No mesmo andar também existem dois banheiros, sendo um feminino e outro masculino. Há também uma sala de recepção e um computador, impressora, ventilador e outros acessórios. Tem ainda uma sala para que sejam guardados os instrumentos de capoeira, mas também os alvos para treino usando movimentos de pé e mão pelo karatê, bolas e coletes do futebol e outros materiais utilizados nas atividades esportivas e culturais; uma cozinha com uma geladeira e um

frigobar, copos, pia e outros materiais de cozinha e, uma estreita varanda onde se guardam cadeiras e outros materiais.

No segundo andar está a sala da direção do CEACC, uma pequena biblioteca que contém livros infantis, livros que eram usados para a atividade de incentivo a leitura e escrita chamada de “Orientação de Estudos”, atualmente fora de funcionamento. No segundo andar encontra-se também uma sala de computadores, com uns dez computadores que eram usados para a atividade de inclusão digital, atividade esta que também já não funciona mais. Por fim, há duas salas com mesas e cadeiras, onde ocorriam atividades educacionais e que hoje não funcionam por falta de professores como outras atividades já citadas.

O CEACC atende jovens de 5 até os 18 anos, meninos e meninas, com predominância de crianças de 9 aos 14 anos e variando de uma atividade para outra. A grande maioria mora na Cidade de Deus, em geral em lugares geograficamente próximos a ONG; as áreas mais afastadas têm um número menor de jovens devido a distância.

Os recursos da Ong são oriundos da ActionAid “uma ONG que atua há mais de 34 anos e está presente em 47 países” e com ela partilham o objetivo. Segundo a mesma página, combater a pobreza, “as desigualdades e a discriminação, com ações voltadas para a garantia e a ampliação de direitos individuais e coletivos.”. Um dos pontos centrais na sua atuação é a aproximação com as famílias. Isto pode ocorrer em algumas atividades programadas com este propósito, momentos de “conversa”, nos quais se trabalham alguns valores definidos internamente, como “disciplina”, “educação” e “respeito ao próximo, como veremos adiante.

Como foi possível observar ao longo da monografia, os objetivos do CEACC, resumidos na idéia de formar “cidadãos”, ou “consciência para a cidadania”, como dizem no texto oficial, é transpassado por inúmeras

questões, com estratégias distintas para a mudança no percurso dos jovens, frente à sua situação inicial.

A proposta é marcada pelo discurso da retirada desses jovens da rua para que eles não sigam “caminhos errados”(entrar para o tráfico de drogas, uso de drogas, se tornar ladrão, exibir comportamento mal visto). Os educadores tem suas formas de ensinar, que precisam dialogar com sua percepção de boa educação e respeito, com a luta contra a pobreza e desigualdade defendida pela ActionAid, mas com a história de cada um deles. O educador de futebol Robertinho por exemplo, sempre busca conhecer bem as famílias dos jovens, dando várias broncas nos alunos que infringir regras como desrespeitar ou falar palavrões e falta de pontualidade. O educador Felipe de inclusão digital zela muito pelo comportamento em sala de aula, e da atenção no que esta sendo ensinado. O educador de karate Alexandre dá ênfase a filosofia e concentração envolvida no ensino do karate, tentando buscar comparações com a vida cotidiana. A educadora de capoeira Paula defende a não violência, mas também tem o costume de conversar com os alunos no final das aulas, além de conversar em particular com os alunos mais indisciplinados e/ou que demonstram algum tipo de problema trazido de casa. A educadora de orientação de estudos Avelina conversava com a turma antes do início das aulas, gostava sempre de combinar com eles as atividades e afastava das aulas os indisciplinados como forma de punição. Cada um têm uma forma de introduzir a "disciplina" e o "respeito", valores comuns a todos.

Há outra questão, talvez mais própria de cada atividade, que é a importância da concentração no karate, a importância da atenção no futebol, a importância da esperteza na capoeira, da dedicação na inclusão digital, a capacidade de imaginação para as histórias da orientação de estudos. Estas questões ao longo prazo vão formando perfis de jovens por cada atividade e os fazendo se ver como CEACC, mas também como CEACC-capoeira, CEACC-futebol e assim por diante.

O CEACC divulgava seu trabalho através do sistema boca a boca, recomendando que os jovens levassem amigos e familiares para conhecer. Mas, por ser localizado na avenida principal onde corta a Cidade de Deus, chamava bastante atenção pelo entra e sai. Muitos tinham curiosidade e entravam para perguntar. Com o tempo essa reposição do alunado era automática devido a ser conhecida. Na Cidade de Deus são poucas ONGs atuantes com mais de 10 anos, então tinha certo conhecimento, só não alcançava regiões da Cidade de Deus geograficamente mais distantes, até pela falta de divulgação. Lembro de algumas tentativas de panfletagem, mas não foram muitas o que pelo que acompanhei surtirem pouco efeito.

Para compreender alguns dos valores passados pelo CEACC tive que ouvir seus educadores. Um dos valores fundamentais é "tirar o jovem da rua", sobretudo, para evitar que eles tomem caminhos considerados errados como ser traficante ou ladrão.

Há uma preocupação em geral com a educação, a forma com que eles se expressam e comportam uns com os outros e com o mundo exterior a ONG. Lembro de alguns relatos de educadores buscando resolver problemas de indisciplina desses jovens com suas famílias.

Disciplina é um valor cobrado sempre, cada educador o faz de uma forma diferente e em momentos diferentes, mas o treinamento e a correção dessa disciplina para fazer um exercício ou para prestar atenção nas instruções durante um jogo de futebol, por exemplo, é sempre cobrada.

Respeito é cobrado na forma como se relacionam entre si, com os educadores e com terceiros incluindo os próprios familiares, honestidade na forma como não dizem ter feito algo nas atividades sem ter feito e/ou mentir sobre algo que fizeram. A disciplina aparece principalmente como foco e empenho nas atividades a serem executadas na ONG e na forma como apresentam isso para fora. A ela, disciplina, está ligado o bom comportamento quando buscam demonstrar que são jovens que sabem a

hora certa de brincar e ficarem quietos, de não terem atitudes como jogar lixo no chão ou fazer brincadeiras como dar tapas ou empurrões, o que dialoga com a noção dos educadores de educação e atenção aos ensinamentos sejam valores existentes nas atividades de todos educadores

3.1 ACTIONAID/CEACC

A ActionAid é responsável por avaliar as atividades do CEACC para conceder a verba destinada ao trabalho anual da ONG. Para isso cobrava uma prestação de contas da gestão do CEACC, capacitações onde os educadores iam até atividades promovidas pela ActionAid e atividades onde membros e doadores e membros da ActionAid vinham olhar o funcionamento das atividades, algumas vezes programadas e outras não.

A prestação de contas era bastante cobrada e era necessário cumprir os prazos combinados, sabendo que sempre era um problema para a gestão lidar com várias daquelas papeladas e burocracias.

Suas atividades nos cursos de capacitação era baseada em perceber, dialogar, criticar e intervir sobre os mecanismos estatais existentes ou que deveriam existir ou atuar de outra forma no território da Cidade de Deus, e sobretudo, o questionamento do quão bem esses mecanismos funcionavam, também passavam informação de experiências de outras ONGs que atuavam em diferentes lugares do país trazendo uma troca de experiências enriquecedora, o CEACC construía sua crítica de ação em provir muito do que o Estado deveria provir, como acesso a cultura e lazer como eles reivindicam fazer. Embora toda a boa experiência no sentido de aprendizagem exigia bastante tempo, havia sempre um revezamento entre os educadores para quem ia nessas capacitações, tendo em vista que além

do tempo muitos não queriam perder todo seu dia sem receber a mais por isso e tendo que ficar longe de suas famílias. As vezes as capacitações duravam uma semana inteira durante todo o dia. As vezes em que participei pude perceber a tentativa de capacitar em coletivo, reunindo grupos atuantes em outros lugares do Rio de Janeiro, como de outros Estados com interlocuções sobre dificuldades que pudessem estar presentes na atuação de cada um grupo. Algumas dessas era pobreza, violência, fome, dificuldade de alcance das crianças, jovens e seus responsáveis, direitos que eram considerados por todos como negados. Havia um foco em perceber como seria a melhor forma de atuar em cada território, levando em consideração as dificuldades coletivas e individuais de cada lugar.

Por último e não menos importante, as visitas de doadores estavam ligadas a nomes de artistas, de estrangeiros doadores, membros fiscalizadores do bom funcionamento das atividades na ONG e trabalho de divulgação do que era captado no CEACC para ser divulgado para a ActionAid aos seus doadores. Em muitos casos eram aulas do dia-a-dia essas visitas, mas também em grandes eventos como o 20 de novembro, sempre comemorado pelo CEACC e de grande visibilidade na Cidade de Deus, como para exibição para a ActionAid.

O dia 20 de novembro, dia da consciência negra era visada como a culminância das atividades trabalhadas durante o decorrer do ano, todas as turmas apresentavam algo, as rodas de capoeira, os jogos de futebol, as apresentações de Karate, as danças e as artes criadas para exposição, cada atividade oferecia sua apresentação e cabia aos jovens demonstração de seu aprendizado diante dos pais, educadores e patrocinadores muitas vezes, toda essa visibilidade gerava certa pressão, ansiedade e entusiasmo para que os jovens participassem.

Um último detalhe, é que existia um sistema de fiscalização chamado vínculo solidário, onde mediados por uma educadora os jovens escreviam cartas para doadores e estes correspondiam, havendo uma interlocução onde o patrocinador sabia para quem estava doando. O doador doava para a ActionAid que era o elo de comunicação, através do educador existia a ponte jovens-educador-CEACC para patrocinador-ActionAid.

3.2 O jovem e o educador

Há uma relação direta entre os jovens, os educadores e as dinâmicas. Talvez seja o conjunto que fez com que esses jovens permanecessem por tanto tempo no CEACC.

Os jovens entre si, todos têm vínculos de amizade, uns mais vínculos que os outros, mas todos os têm. Boa parte dos jovens que selecionei para entrevistar, são jovens que estão a mais tempo e/ou ficaram a mais tempo participando das atividades, esses mesmos tem parentes ou amigos que participam de atividades externas a ONG (escola, igreja, vizinhos, etc.). Então, a relação de proximidade e a criação de vínculos durante as atividades acabam sendo um fator importante para o envolvimento do jovem na ONG. As relações dentro e fora do CEACC são importantes para definir seu estímulo em estar nas atividades desenvolvidas pela instituição.

Como poderá se observado na citação a seguir:

“Essas amizades foram só lá mesmo, porque eu era muito presa, vamos dizer assim e não me interessava por nada, era só estudo, estudo, estudo e depois que eu fiz esporte eu passei a conhecer mais pessoas,

mais lugares, saber passear mais pelo Rio de Janeiro.” – Renata, 17 anos – aluna de capoeira

“Ah, no caso o Ulisses, desde os doze anos que eu conheço esse moleque aqui, Leonardo também que começou, parou e tudo, mas de vez em quando eu vejo ele por ai, tá trabalhando também. Eu também me afastei muito porque comecei a trabalhar, negócio de quartel e tudo, fui ficando meio sem tempo...” – Marlon, 23 anos – aluno capoeira, futebol e Karate

Nas duas falas, na primeira de Renata, a socialização de maneira mais livre se deu quando ela começou praticar capoeira no CEACC, antes não era seguro e permitido, com anseio de amizades fora do esporte. Estar no esporte significa não ser qualquer um, é como se fosse um jovem mais disciplinado e comportado na concepção trazida e que será levantada no decorrer das análises.

A segunda fala, é de Marlon, que ressalta as longas amizades, me incluindo como algo importante nessa trajetória de tantos anos. São marcadas por lembranças, essa amizade começou 10 anos atrás, ainda existe uma lembrança e um laço desse grupo. O grupo que iniciou comigo e com o Marlon na capoeira não esta mais na atividade da capoeira, mas alguns como Marlon, Leonardo e eu temos laços de amizade até hoje. As atividades no CEACC são interessantes aos jovens, mas não são fatores isolados de permanência dos jovens.

Todos os atores sociais citados aqui são ou começaram as atividades ainda crianças, e alguns citam o fato de ter “crescido junto” com outros jovens, aproximando assim o jovem da dinâmica e do educador pela familiaridade com o grupo que se situa. Isso fica bem expresso no fragmento de entrevista a seguir:

“A gente cria um vínculo forte, tá junto ali todo dia, às vezes mais junto do que, dependendo do dia, tá mais tempo junto do que às vezes com o pessoal de casa. Ai eu criei esses laços.” – Augusto, 23 anos, aluno capoeira.

Augusto, é um jovem que começou capoeira em 2002, também é da turma de Marlon, só que diferente do Marlon sua trajetória foi contínua e só parou anos depois. Durante sua trajetória no CEACC, na capoeira possuía um grupo de amigos que fundamentava um alicerce importante para a permanência dele na ONG. Tem dias que ele passava mais tempo com os amigos da capoeira, havia dias que podia treinar no turno da manhã, no turno da tarde e ir a algum evento de capoeira na parte da noite, o que significava passar um dia inteiro envolvido em atividades promovidas pela ONG. Na semana são dois treinos em um dos turnos, manhã ou tarde, treinos de uma hora que costumavam extrapolar esse horário.

Há todo um contexto de proximidade com os educadores, fator importante para a permanência dos jovens nas atividades, os principais são: I) Os educadores são exemplos para os jovens; II) É estabelecido laço além da aula com os educadores; III) Muitos se identificam com as pessoas que representam os educadores.

Se por um lado, o educador é visto como o “exemplar”, por fazer com maior perfeição e técnica a atividade em questão, o que atrai aos jovens é a vontade de alcançar aquela maestria; por outro lado, há um forte apego e relação com os jovens. Há especificidades nos educadores. Por exemplo, a professora de capoeira Paula tem aulas com brincadeiras muito bem conduzidas fazendo da aula, algo lúdico, exaltando maior empatia de vários jovens. O mestre de capoeira Derli, conquistava pela excelência técnica na cultura/luta da capoeira, são histórias, são técnicas e desempenho diferenciado, fazendo da atividade mais atrativa e admirável pela forma que impressionava. O Robertinho, educador de futebol já foi

goleiro profissional, têm todo um aparato técnico prático, costuma cobrar bastante na parte tática, mas têm atividades inovadoras que fazem do futebol algo mais divertido e ainda mais com as vitórias durante o “time contra” (jogar com outras equipes). Por último, e não menos importante, está o Alexandre, o professor de Karate, era reconhecido pelo seus diálogos, com exercícios reflexivos que alguns achavam chato, outros ficavam admirados. Estas são algumas poucas e resumidas características dos educadores das atividades esportivas que contribuem para a permanência dos jovens no CEACC.

As conversas ora sérias, ora brincadeiras depois da aula eram comuns no CEACC, depois da aula alguns jovens ficam na sala para conversar com os professores sobre questões pessoais e sobre sua vida falando de coisas boas e ruins, o que contribuía para estabelecer um elo maior entre as duas partes, acarretando na permanência do jovem. Ademais, os conselhos nesses diálogos acabam sendo impactantes nos julgamentos morais e na sua concepção de certo e errado. Esse processo do educador ouvir o jovem aproxima, ainda que nem todos estão aptos ao dialogo quando iniciam a atividade na ONG, sendo um processo onde vão se sentindo a vontade com o passar do tempo. Há durante as aulas o levantamento de assuntos, dos quais o educador e os jovens opinam, esses geram dúvidas e questionamentos relacionados ou não a suas vidas pessoais que são levadas até o educador no final da aula muitas vezes.

Todo o contexto dado até aqui se tornou ainda mais fácil de ser compreendido, quando observei as conseqüências do elo com o educador, quando há uma identificação mais forte, uma espécie de sentimento de pertencimento que vai para além do exemplar técnico e que foi motivado principalmente pela convivência. É importante conceber que os diálogos muitas vezes se dão durante as aulas, durante algumas atividades os sermões no meio do grupo, os castigos, as palavras que acabam tendo mais

sentido para uns do que para outros, as palavras usadas para cada jovem na execução dos movimentos são exemplos de como mensagens podem ser enviadas e recebidas através de situações rotineiras e sem a proximidade após a atividade. Todas essas formas de aproximação e a admiração técnica são contribuintes para uma relação fortalecida entre educador e jovem e faz com que os jovens optem por estar ali, por sentir prazer em estar ali ou por presumirem ser uma obrigação que “vale à pena”.

“Porque ele foi o que mais tive proximidade lá, a gente fazia atividade e nas horas de descanso, nas horas de buscar o fôlego ele sempre vinha com uma palavra de apoio, fora das aulas a gente podia contar com ele, com relação a família se comentava, é podia conversar realmente com ele, ele sempre foi muito aberto, ele me incentivou a fazer concurso, ele me incentivou a entrar no CEFET, então devo a ele muitas coisas, ele é realmente um grande amigo.” – Joaquim – 22 anos, aluno Karate.

As aulas de Karate, observei alguns alunos iniciantes, geralmente eles não gostam, bocejam, fazem cara de sono e/ou inquietos. As aulas geralmente começam com exercícios para as mãos e pés e articulações do corpo antes de iniciarem os movimentos técnicos. Quando chega na parte dos movimentos técnicos, o educador de Karate foca na explicação técnica dos movimentos, questões de anatomia, questões da forma prática em que se aplicaria um determinado movimento. Também é recorrente o uso de silogismo da luta do Karate com a “luta” da vida, comparando várias situações de disciplina do Karate comparando vida, uma busca de interligar a lógica do correto no esporte com o correto no dia-a-dia, uma espécie de doutrinação.

A relação de grande proximidade entre professor e aluno como um elo de permanência, com o tempo os jovens vêem os educadores como exemplos a serem seguidos.

“Eu acho que assim no Karate o professor de Karate tem um jeito de ensinar que ele não dá só aula, aula e luta e só ensina os golpes e acabou, ele tem a parte da, fugiu a palavra, ele passa a palavra do aprendizado, ele tem a parte da cidadania, ele ensina cidadania, essa aula dele eu acho que é interessante, a capoeira também tem o lado da cidadania é a parte assim que mais vale hoje em dia, não só a atividade mais também a gente aprender a cidadania.”- Patricia – 22 anos, aluna da capoeira, Karate e dança afro.

O ensino do que é certo e errado na vida, se torna tão relevante quanto a técnica da luta do Karate, aulas que vão além de uma aula, o significado tem sentidos subjetivos apontando a capacidade de impactar os jovens de maneira diferente, mas o comum é que exista essa relação de proximidade com todos que vão ficando nas atividades.

3.2 A diferença entre a ‘RUA’ e o CEACC

A palavra “rua” e o sentido como caminho ladeado de casas, muros ou árvores e vias públicas não é capaz de apreender o sentido que os jovens dão a esta. O sentido real a “rua” é o sentido prático do que ocorre e que por sua vez, têm lugares que o prático ocorre. Quando falam estar na rua, é um emaranhado de sentidos, mas alguns dos quais captei.

A rua é associada a “marginalidade”, isso porque os traficantes de drogas trabalham nos becos, vielas e circulam pelas vias públicas, além de serem socialmente conhecido entre os moradores. Essa circulação livre e habitação de traficantes são vista de maneira negativa pelos jovens, como algo não exemplar, em contraponto aos educadores e familiares. Se há um modelo a não ser seguido, há por outro lado um modelo a ser seguido.

“essa favela não tem nada a nos oferecer” - Renata

“o esporte me tirou da rua e hoje sou muito feliz e hoje levo essas histórias para outras pessoas de cidade carente e tal e creio que elas irão gostar também, vão se interessar mais pelo esporte do que pela rua” – Renata – 18 anos – capoeira, orientação de estudos

“Eu não lembro muito porque eu ficava na casa da minha avó, mas tinha muito tiro, bastante tiro, hoje eu já não escuto mais.” Ficar em casa e o sentido de estar fora da rua. – Paola – 18 anos – capoeira, orientação de estudos, inclusão digital, dança afro

“O Alexandre trabalha bastante também sobre isso, cidadania, sociedade, como viver em sociedade, porque um cara agressivo não sabe viver, é bicho, vive na cadeia” – Cristina – 17 anos - Karate

Henrique – Não muito, só lembro que era uma algazarra só.” – A Cidade de Deus pós-UPP – Henrique – 15 anos – Orientação de estudos, dança afro, Karate

“, tinha as ONGs por um lado, que era o lado bom da coisa, onde dava o incentivo bom pra jovem pra criança não fica nas ruas e tinha o lado tal da bandidagem, assim era um lado que ninguém gostava de presenciar, o fato de que a gente passava em certas ruas e eram homens armados dos pés a cabeça e são coisas que mudaram” A ONG como o lado do bem e sua oposição que eram os bandidos, mesmo não havendo um

conflito direto, mas há uma relação de lado A e lado B onde não se misturam.” Joaquim – 22 anos - Karate

“O lugar era ruim, eu tinha um pouco de medo, até porque eu nunca fui um muleque de ir pra rua, nunca fui um muleque de pé descalço, soltar pipa, jogar bolinha de gude” – sobre a CDD antes da UPP – Joaquim 22 anos - Karate

“hoje em dia como antes uma criança que era criada da rua a tendência dela ir pro trafico era enorme, ai se você quisesse que seu filho não fosse para as drogas você tinha que trancar ele na tua casa e controlar ele a rédia curta, agora você pode simplesmente ir pro seu trabalho tranqüilo e deixar seu filho brincando com o coleguinha” atribui a chegada da UPP – Joaquim- 22 anos - Karate

“minha mãe não deixava a gente ir pra rua, não tinha como, eu saia assim da escola pro CEACC, do CEACC pra casa, de vez em quando ia pra uma festinha longe, fora isso ficava dentro de casa, muito bandido, muita coisa, muita droga, podia ter bala perdida” – Paola – 18 anos – capoeira, orientação de estudos, inclusão digital, dança afro

Todas essas citações apresentadas são compostas de elementos de negação, problemas e dificuldades em ser morador da Cidade de Deus, o significado atrelado as drogas, ao tráfico e a violência estão presentes noutros trechos das entrevistas, reflete na crítica desses ao que para eles deveria mudar ou melhorar.

Um outro lado é a citação das ONGs, como algo positivo, mas objetivamente a maior representação deles sobre ONG é o CEACC. A rua é ruim, mas se eles fossem sair para ir ao CEACC, os pais deixavam ou os levavam. Muitos jovens começam sendo levados pelos pais, logo depois passam a ir sozinhos e adquirir essa autonomia.

Veja que tem falas que abordam a importância de ser criado dentro de casa, como uma forma de cautela para que os filhos não sejam criados nas ruas e serem afetados de alguma maneira pelos problemas citados por eles.

3.4 A disciplina, o respeito e o ‘caminho da cidadania’

A disciplina, o respeito e o ‘caminho da cidadania’ são categorias usadas pelos jovens e pelos educadores, são normas comportamentais exigidas dos jovens, essas normas são acordadas durante as aulas e aqueles que não cumprem sofrem punições.

É cobrada dos jovens de diferentes formas:

- 1) Através das aulas como uma espécie de premiação para a conquista da graduação nas lutas, a participação de competições oficiais no futebol e passeios. Funciona como uma espécie de acordo, você é bom aluno terá direito a se graduar ou sua graduação será maior do que o jovem que não cumpriu as normas tão bem quanto o outro. No futebol por exemplo, ela ocorre através de impedir os jovens que fazem bagunça de fazerem parte do time que compete com times de fora do CEACC, como também para passeios como ao jardim zoológico entre outros, no dia-a-dia também surge como quem vai ser escolhido pelo educador de futebol primeiro para jogar.
- 2) Podem também vir através de diálogos diários, no dia-a-dia é falado da importância de não ser indisciplinado, de ser respeitoso com o outro não falando palavrões, e de não frequentar certos espaços como os próximos de vendas de drogas. Durante as aulas tendo ou não alguma ação dos jovens julgada como o educador para a aula e

começa a falar sobre as normas, direta ou indiretamente. Diretamente quando fala sobre atos específicos e das normas que foram descumpridas e indiretas quando começa a conta histórias e dá exemplos outras situações que dialogam com a acontecida. Esse tipo de método se torna viável pela relação de proximidade que os educadores vão adquirindo com os jovens com o passar do tempo. Os colegas de turma também afetam a ação dos jovens quando são mais suscetíveis ao que os educadores passam.

- 3) Por ultimo e não menos importante, tem a forma de fazer isso através das punições, o jovem que não agir de acordo com as normas impostas sofre advertência verbal, sofre advertência física em alguns casos, podendo ser social na forma como o educador fala do jovem para o restante da turma, ou quando ele pune a turma pela ação de um fazendo com que aquele seja mal visto na turma. As punições podem ser aplicadas através de uma graduação abaixo dada para um jovem que deixa de seguir o que o educador ensina, o jovem fazer os exercícios de forma concentrada sem atrapalhar a aula com brincadeiras, o jovem não atrapalhar ou implicar os demais colegas e não atrapalhar a aula são sinais de disciplina e bom comportamento e a falta dele trás conseqüências negativas impostas pelos educadores, como punições.

“eu sai do CEACC, cai direto numa escola federal e ali já fui me formando, na escola em si eu já estava os valores da disciplina que o CEACC dava NE” – Joaquim – 22 anos, aluno karate.

“o caratê tem uma filosofia de tratamento ao próximo, de respeitar ao próximo” – Joaquim – 22 anos, aluno karate.

“aqui no CEACC, coisa tipo respeitar os outros, a ter um foco assim de estudo, entendeu, tem gente que vai pra escola só pra comer merenda, porque assim ninguém quer viver a vida toda na favela, todo mundo tem um objetivo.” – Caroline – 16 anos, aluna de capoeira.

“muita gente que eu vi aqui, espalhafatoso e se fosse arrumar emprego não ia arrumar emprego, agora sim, porque aprende a se portar, aprende a se comportar, aprende a falar, boas maneiras, muita coisa” – Caroline – 16 anos, aluna de capoeira.

“Disciplina, com os esportes, principalmente com a capoeira, aprendi disciplina, ali me ajudou a me formar também como um pouco como cidadão” – Augusto – 21 anos – aluno de Capoeira.

“esporte ocupa a mente, desenvolve, cria uma, vamos botar assim, cria um caráter na pessoa que é uma coisa disciplinadora” – Augusto – 21 anos – aluno de Capoeira.

“na cidade de deus eu sou bonzinho, porque eu não bebo, não fumo, não uso drogas, não faço nada” – Paulo – 16 anos – Aluno de Capoeira.

O discurso dos jovens acima é a representação de jovens que participaram de atividades no CEACC durante muitos anos e contem elementos importantes para compreender o que chamo de conversão ou mudança. Ser visto como comportado na escola, saber se portar para

‘arrumar emprego’ e não beber e fumar são requisitos para “ser cidadão”, como característica definidora de ser boa ou má pessoas.

Algumas falas falam sobre o significado de ser visto como “cidadão”, “ter caráter”, “bom comportamento” e ser “disciplinado”, remetendo o julgamento em espaços fora da favela, revelando como é importante essa percepção sobre eles na escola, cursos e outros espaços fora da Cidade de Deus.

3.5 Cidadania e seus significados no CEACC

Dos vários significados um deles remete a uma necessidade do CEACC existir para direcionar esses jovens, caso contrário eles cairiam e “caminhos errados”. Uma primeira questão é que há um “caminho”, nesse caminho há algumas coisas que devem não ser feitas e outras que devem ser feitas.

“saber que o caminho mais rápido de ser esse mal filho e não ir pra um mundo desviado e não se tornar um bandido e não querer dinheiro rápido, então ele vai saber o que é o bom e o que é o ruim, eu acho que nisso eu consigo botar no coração, na cabeça dessas crianças que estão aqui.” (Avelina – coordenadora e educadora da orientação de estudos)

“nós temos que fazer na realidade é que a criança, adolescente e jovem ele acreditem que o melhor caminho para ser um ser humano responsável é o caminho da Cidadania, é o caminho que leva qualquer um ao sucesso é se manter como cidadão” (Robertinho – educador de futebol)

Nessas três colocações, observamos a importância de um caminho que deve ser seguido, num deles o exemplo de onde se deve chegar. Durante a entrevista, o coordenador do CEACC apresentou a minha trajetória como exemplo, também fui citado como “exemplo” por alguns jovens e por outros educadores, como se eu estivesse “dado certo”, segui o “caminho correto”, sabem que estou cursando Ciências Sociais,

conhecem um pouco de minha trajetória na ONG acompanhando o mestre Derli na Cidade de Deus e alcançaram essa percepção do “deu certo”. Na lógica do CEACC, eu seria um jovem convertido, com sucesso a dinâmica da ONG.

*“o jovem aqui se vê no meio de todos e não o que eu posso tirar aqui do meio de todos, eu acho que é assim que eu vejo de vocês.”
(Avelina – coordenadora e educadora da orientação de estudos)*

“nosso trabalho é mais voltado para a Cidadania, então a gente não visa fazer jogador de futebol, jogador de futebol esta dentro de cada um de nós, homens ou mulheres que a gente tem que colocar pra fora dentro das necessidades e das oportunidades.” (Robertinho – educador de futebol)

“não queremos um jogador de futebol, queremos um cidadão que jogue futebol e saiba dos seus direitos” (Robertinho – educador de futebol)

“aceitem com facilidade a mensagem de que se ele é um cidadão, ele tem que se comportar como cidadão.” (Robertinho – educador de futebol)

“se eu resolvo que tenho que ficar a madrugada inteira na rua não fazendo nada com um grupo que não tem nada haver, ta fazendo coisas erradas eu vou assumir aquela responsabilidade de acontecer alguma coisa comigo” (Paula – educadora de capoeira)

“ah porque o fulano fez isso de errado, foi pro baile num sei o que, a não num sei não o que que eu vou ganhar lá?” (Paula – educadora de capoeira)

“o jovem que ta no CEACC tem uma visão muito mais critica das coisas do que um jovem que ta na rua sem fazer nada” (Felipe – educador de inclusão social)

Esses discursos nos permitem facilmente perceber a relação com uma maneira certa e errada de agir, também pode ser comparado a questões de bem/mal, num sentido do que deve ser feito pelos jovens e que o feito os qualifica ou desqualifica como cidadão. Há de fato a relação com uma moral religiosa, da qual não dissertarei. Ficar de noite na rua, é uma exemplo levantado pelos jovens e educadores, como ‘perigos que todos correm em ficar essas horas da noite na rua’, por outro lado, ouvir a mensagem que é passada pelos educadores é algo que aproxima o jovem do que ‘é certo’ e permite que o jovem saiba diferenciar o certo do errado, passando a ser ‘critico’.

“poderiam ta dando pra alguma coisa errada, ta roubando, de repente ta usando drogas, ta desperdiçando a vida” (Adriana – educadora do vínculo solidário)

“poderiam estar fazendo tantas outras coisas de ruim” (Adriana – educadora do vínculo solidário)

“Então a cidadania tem que vir de dentro da sua casa pra fora, não aprender o que é cidadania após cometer os erros na rua.” (Robertinho – educador de futebol)

“a criança que já chega no CEACC com um perfil diferenciado a gente trabalha essa criança durante o tempo que for preciso para que ela entenda que aquela criança que tem o perfil de cidadania não pode ser afetado por ele, ele tem entender que ele tem que melhorar o seu comportamento.” (Robertinho – educador de futebol)

“com certeza eles tomariam outro rumo, talvez até tráfico, entendeu?” (Felipe – educador de inclusão digital)

A trajetória dos jovens está ligada a possibilidade de um ‘desvio’, por problemas comportamentais, por ‘estar na rua’, o que representa uma percepção de um jovem sempre vulnerável para o CEACC. É como Licia Valladares afirma no livro “A invenção da favela”, a ação de rotular esses jovens como ‘sempre em risco’, têm consequências negativas na sua concepção deles próprios sobre eles, nesse contexto que eles tentam se desvincular de sua imagem de ‘favelado’.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra conversão poderia ser substituída por ‘mudar’, ‘transformar’ e ‘alterar’. O conceito de moral está ligado à moralidade, costumes, comportamento e outras várias coisas relativas a um lugar. A escolha dessa junção parece ser complexa, mas é simples: Os jovens observados não nasceram com os conceitos que têm hoje, mas foram moldados até certo ponto pelo CEACC. A ONG não age sozinha, pode perceber que a família e a igreja são instituições que reforçam os valores passados pelo CEACC, nos jovens que observei se tratando de um contexto para o processo de conversão.

Essa monografia representa a percepção e a possibilidade de conhecimento acerca da construção de formas de expressar desses jovens, seja nos seus discursos, seja nas suas ações. Dentre esses jovens, me reconheço entre eles, embora varie mudanças me faça se sentir deslocado através de processos de distanciamentos necessários para realização dessa etnografia.

Muito do que expus até aqui interfere diretamente com esses jovens, mas também têm efeito ao seu redor. A capacidade desses jovens de dialogar com o mundo e sua relação e potencialidade de intervir tem conseqüências. São vários os jovens que percebi seu engajamento na igreja, em clubes de outras modalidades esportivas que não as aprendidas no CEACC, que se destacam se empenhando profissionalmente. Não há uma definição única para o jovem convertido, mas sim, uma série de questões que abordei textualmente para representar convivências coletivas que pode os influenciar individualmente.

Durante um período desse trabalho, me vieram questões como ‘esses jovens seriam melhores que os outros?’, ‘esses jovens o quão são diferenciados?’, ‘qual a minha percepção sobre eles?’ As respostas foram

chegando de acordo com as relações que fui estabelecendo com eles, algumas vezes de uma proximidade que me fizesse sentir a vontade de perguntar ‘você acha que é diferente dos outros jovens aqui da favela?’, um jovem respondeu “sim”, eu perguntei “porque?”, ele disse “sei lá, acho que gostamos de outras coisas, não curtimos o que todos curtem, não somos de entrar em coisa errada”. Achei interessante essa resposta, não foi nada surpreendente, mas pude perceber que as minhas descrições de alguma maneira dialogam com a forma com que ao menos aquele jovem se vê.

Nas apresentações desse trabalho, ainda como projeto de iniciação científica ouvi algumas críticas que me fizeram refletir, das quais se referem ao termo “conversão moral”, essa mudança existe?, não existe?, o que caracteriza essa mudança? Até que comecei a observar meus dados e perceber a como os jovens se mostram, seus discursos, situações e contribuir com fatores importantes nessa construção.

As trajetórias dos jovens e educadores conduzem a possibilidade de pensarmos a Cidade de Deus como um espaço heterogêneo, mas sobretudo trajetórias de lutas e sonhos diferentes que fazem parte de ferramentas para se compreender uma grande *aldeia* no sentido de Geertz, mesmo sendo diferente, permite a possibilidade de buscar símbolos e signos que afetam e se relacionam a vida dos moradores da Cidade de Deus.

Minha pesquisa não fala sobre duzentos à trezentos jovens, mas fala de uma população jovem com as mais variadas formas de conceber o mundo e interagir com ele, nesse contexto, compreendo que abordar algumas dessas trajetórias com falas desses jovens é estabelecer uma relação com quão amplo é pensar na maneira de como lidar com a juventude, com o favelado, com políticas sociais esportivas e com trajetórias de muitos que ainda hoje lutam para dialogar com um grupo para qual tentam impor muito e os escutar pouco, os jovens.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Jussara. (2008), “Elevar a voz em uma ordem violenta: a indignação colocada à prova pelo silêncio”. In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org). Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

LEITE, Márcia Pereira. (1997), Da metáfora da guerra à mobilização pela paz: temas e imagens do “Reage Rio”. Caderno de Antropologia e Imagem, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, 1997.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org). Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro.

LEITE, Márcia Pereira e FRIDMAN, Luís Carlos. (2005), “Matar, morrer, civilizar: o problema da segurança pública”. In: VVAA, Mapas: Monitoramento Ativo da Participação da Sociedade. Rio de Janeiro: IBASE/Action Aid/Ford Foundation (cdrom).

GEERTZ, Clifford. (1989), A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

GOFFMAN, Erving (1963), Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity, Englewood Cliffs N. J.: Prentice-Hall; (tradução brasileira: Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro, Zahar, 1975).

_____. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985

LANDIM, Leilah (1993), A INVENÇÃO DAS ONGS:Do serviço invisível à profissão impossível.

TEXEIRA, Cesar Pinheiro (2009), A construção social do “ex-bandido”:um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo

ROCHA, Lia de Mattos(2009), Uma favela “diferente das outras?”. Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão, Rio de Janeiro.

KANT DE LIMA, Roberto. Sensibilidades jurídicas, saber e poder: bases culturais de alguns aspectos do direito brasileiro em uma perspectiva comparada. Disponível em: WWW.uff.br/ineac/default/files/02-anuarioantropologico-robertokant.pdf>.

EILBAUM, Lúcia.”O bairro fala”: conflitos, moralidades e justiça no conurbano bonaerense. Disponível em: <http://www.uff.br/ppga/wp-content/uploads/2013/06/O-BAIRRO-FALA_Luc%C3%ADa-Eilbaum.pdf>.

Acesso em: 30 de maio. 2014.

PERLMAN, Janice (1981): O mito da marginalidade. Favelas e política no Rio de Janeiro, sua territorialidade e dialética entre “ordem” e “desordem”. Cadernos de Geociências, n°. 13. Rio de Janeiro, 161-171.

ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (orgs). Um Século de Favela (3a ed). Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LINS, Paulo. Cidade de Deus (3ª Ed). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal. In: Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VALLADARES, Licia do Prado. Passa-se uma casa: análise dJJ Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Zahar. 1978.

FREIRE-MDEIROS, Bianca. Gringo na Laje. Produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV. 2009.

ZALUAR, Alba. A maquina e a revolta: As organizações populares e o significado da pobreza. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

GUEDES, Simoni Lahud – Jogo de Corpo. Um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: Eduff, 1997.

GUEDES, Simoni Lahud – PROJETOS SOCIAIS ESPORTIVOS E AS NOVAS TRAJETÓRIAS DOS ATLETAS PROFISSIONAIS. 30^a Encontro Anual AMPOCS, 2006.

ZALUAR, A. e ALVITO, M. (orgs.). Um século de favela. 4^a edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MISSE, Michel, Malandros, Marginais e Vagabundos. A acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro IUPERJ, Tese de Doutorado em Sociologia. 1999

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar. 1971.

VELHO, Gilberto. “Juventudes, Projetos e Trajetórias na Sociedade Contemporânea” in Mendes de Almeida, M^a Isabel e Eugenio, Fernanda (orgs.) Culturas Jovens. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2006

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

ZALUAR, A. Cidadãos não vão ao paraíso. Campinas, Ed. da Unicamp. 1994.

Tabela de educadores e gestores do CEACC entrevistados

| Nome fictício | Idade | Informações |
|---------------|-------|---|
| André | 54 | Coordenação geral, administração |
| Avelina | 45 | Coordenação geral, orientação de estudos |
| Robertinho | 51 | Coordenação de esporte e cultura, futebol |
| Paula | 29 | Coordenação de esporte e cultura, atividade de capoeira |

| | | |
|-----------|----|---|
| Adriana | 25 | Atividade do vínculo solidário |
| Flavio | 24 | Coordenação (mudança de cargo atualmente), Instrutor de informática (cargo anterior) |
| Alexandre | 56 | Coordenação de esporte e cultura, atividade de Karate. |

Tabela de jovens do CEACC que foram entrevistados

| Nome fictício | Idade | Informações |
|---------------|-------|--|
| Renata | 15 | Capoeira, saiu a pouco tempo. Tempo de permanência é de cinco anos. |
| Augusto | 21 | Capoeira, curso de rádio, curso de adolescência e saúde. Aluno antigo que não frequenta mais. Tempo de permanência é de sete anos. |
| Marlon | 21 | Capoeira e Karate tempo de duração de cinco anos. Ainda frequenta. |

| | | |
|----------|----|--|
| Cristina | 15 | Karate, e passou pelo futebol por pouco tempo. Tempo na ONG de seis anos ainda freqüenta. |
| Joaquim | 20 | Karate, tempo de permanência de três anos. |
| Paola | 15 | Capoeira, dança afro, Karate, Orientação de estudos, inclusão digital, tempo de duração em média cinco anos. |
| Henrique | 13 | Karate, orientação de estudos, inclusão digital, tempo de permanência por volta de cinco anos. |
| Marcos | 14 | Capoeira, orientação de estudos, inclusão digital tempo de permanência de quatro anos. |
| Patricia | 20 | Capoeira, curso de adolescência e saúde, PANUT, CAS, Rádio, inclusão digital (formação e como instrutora), dança afro, futebol, Karate. Desde o começo da ONG. |
| Vagner | 14 | Capoeira, tempo de permanência de três anos. |
| Paulo | 16 | Capoeira, tempo de permanência de três anos. |

| | | |
|----------|----|---|
| Felipe | 13 | Futebol, tempo de permanência de oito anos. |
| Caroline | 16 | Capoeira, tempo de permanência de quatro anos |

APÊNDICE

6.1: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Roteiro de entrevista para os educadores do CEACC

Você poderia me contar a sua trajetória pessoal, como moradora da cidade de Deus, relação de ocupação profissional?

como você conhece/conheceu o CEACC e como você percebia os trabalhos sociais antes e depois?

O que te fez querer trabalhar no CEACC? Quais as circunstâncias que fizeram que você entrasse no CEACC?

Quais são os principais problemas da Cidade de Deus pra você?

Queria que você me apresentasse o CEACC, eu sei que já tenho algum conhecimento, como você observa o CEACC nos diferentes momentos da instituição desde sua permanência aqui?

como você percebe os projetos sociais na cidade de deus, e o que diferencia o CEACC dos outros?

existem instituições governamentais que fazem trabalhos sociais aqui? Como você percebe esses trabalhos? E qual a posição do CEACC com relação a essas ações?

queria que você me contasse um pouco da história do CEACC, desde que você esta aqui.

quais as experiências pré-CEACC que te estimulou e motivou a querer estar aqui?

Quais as metas do CEACC? E quais são atingidas e como são atingidas?

quais as posições do CEACC com relação as formas de inclusão social ao publico alvo da instituição? Quais os valores que orientam o trabalho do CEACC?

Aconteceram muitas mudanças desde o CEACC, queria que você me dissesse quais são essas mudanças que aconteceram? De que tipo? Desde quando?

Quais as formas de inclusão social para o publico alvo e os valores que orientam o trabalho do CEACC?

Como você trabalha com os jovens que participam das suas atividades?

qual tempo deles de permanência, qual período que você trabalha com eles?

Como funciona um pouco do seu trabalho no CEACC?

Você poderia me dar uma idéia dos jovens que freqüentam atualmente o CEACC? Quem são? de onde vem? Como eles vêem o CEACC e qual a importância do CEACC para eles?

Como é sua relação com os jovens do CEACC e com as famílias?

você já encontrou pessoalmente alguma dificuldade com algum jovem? E quando, como foi essa dificuldade? De que tipo? E como você lidou pra enfrentar ela?

O que poderia acontecer com os jovens de o CEACC não estivesse na Cidade de Deus?

O que diferencia os jovens que estão no CEACC em relação aqueles que não estão e por que?

Quais são as principais conquistas do CEACC, quais as principais conquistas você vê no seu trabalho e dos outros em relação aos jovens do CEACC?

Qual a importância do CEACC para os jovens?

quais as dificuldades de executar projetos sociais na Cidade de Deus? E no CEACC?

Dentre as metas do CEACC quais foram atingidas até hoje, e quais são difíceis de atingir por que motivo?

quais são as relações do CEACC com as outras instituições que desenvolvem projetos sociais na Cidade de Deus? E como você explica a existência dificuldades?

como você avalia o conjunto de projetos sociais da Cidade de deus? E como isso incide sobre os jovens?

existem ou existiram trabalhos em conjunto com outras instituições? Você pode explicar e me descrever como funciona a cooperação entre o CEACC e outras instituições?

Eu percebi que o numero de jovens no CEACC reduziu no ultimo momento que acompanhei, como você poderia explicar essa redução?

Roteiro de entrevista para os jovens do CEACC

você pode me contar um pouco da sua história na Cidade de Deus?

Como é morar na Cidade de Deus, para você?

Qual é a sua rotina, o dia-a-dia?

O que você gosta de fazer?

Onde você estuda, ou estudou?

Pode falar um pouco de onde você estudou, qual era sua rotina lá?

Qual sua relação com os professores?

Quais festas você acha legais aqui, na Cidade de Deus?

Você sabe como a sua família veio parar na Cidade de Deus?

você enfrentou já alguma dificuldade morando aqui?

Alguma história que seja mais marcante desde que você vive aqui?

Como você conheceu o CEACC?

Quanto tempo você permaneceu/permanece no CEACC?

Quais atividades você já fez no CEACC, de todas?

de quem você mais gosta lá no CEACC? Por que?

O que foi importante para você nessas atividades, no CEACC, nas atividades dentro do CEACC?

Como ou com quem você teve contato com o CEACC? E como foi?

O que foi importante pra você no CEACC?

Como você participava das atividades?

E você faltava muito?

O que você vai gostava nas atividades?

Você já presenciou algum tipo de conflito?

Você lembra como era aqui na Cidade de Deus antes da UPP?

E agora depois da UPP?

Como você vê essa mudança?

Como você vê a presença dos policiais aqui na Cidade de Deus?

você já viu, ou tem algum conhecido que já foi revistado?

qual a sua percepção sobre o trabalho do CEACC?

CEACC trabalha muito sobre cidadania, como você vê isso?

Você se vê como um exemplo no CEACC?

Como o CEACC foi importante pra você?

Se você não tivesse no CEACC, você acha que faria o que?

E as festas do CEACC, como eram? O que você mais gostava nelas?

o que o CEACC trouxe pra você?

Você por acaso já se viu como profissional em alguma atividade?

Você acha que mudou depois da sua experiência no CEACC?

E suas amizades no CEACC?

E o que fez vocês se aproximarem tanto?